

Manuel Bandeira & Ribeiro Couto

Correspondência dos anos 20*

José Almino de Alencar

UMA CARTA É QUASE SEMPRE PORTADORA DE MÚLTIPLAS SIGNIFICAÇÕES. Para o pesquisador, ela toma o sentido das relações que ela envolve, da posição de cada correspondente nos seus respectivos universos sociais, na densidade das ligações intelectuais e psicológicas implicadas, na qualidade do projeto comum que porventura engaje os que se escrevem. Para o estudioso da literatura brasileira, a correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto vem a ter um interesse particular, não somente pela dimensão intelectual dos dois escritores, mas também porque, entre outras características, esse conjunto de cartas constitui, sobretudo, um registro privilegiado de um período particularmente expressivo da nossa história cultural – o modernismo, e de uma amizade literária que durou mais de quarenta anos.

Hoje em dia, a importância de Ribeiro Couto junto a um poeta da dimensão de Manuel Bandeira pode causar estranheza, sobretudo tendo em vista o relativo esquecimento em que se encontra a sua obra. No entanto é o próprio Bandeira que salienta o papel do amigo, por várias vezes, no seu *Itinerário de Pasárgada*¹:

Mas voltando a Ribeiro Couto, foi por intermédio dele que tomei contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo, aqui com Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Di

* *Suplemento Cultural*. Diário Oficial/Secretaria de Cultura, Estado de Pernambuco, ano XV, novembro de 2000. Trabalho apresentado no Seminário Internacional *A Historiografia Literária e As Técnicas de Escrita*, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa de 12 a 15 de setembro de 2000. Trata-se apenas da abordagem inicial desta correspondência, uma primeira análise feita para os propósitos do seminário.

¹ In: BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Cavalcanti, em São Paulo com os dois Andrades, Mário e Oswald...² Eu já estava bem preparado para receber de boa cara os desvairismos de Mário, porque Ribeiro Couto, grande farejador de novidades na literatura da Itália, da Espanha e da Hispano-América (correspondia-se com Alfonsina Storsi e outros argentinos) me emprestava os seus livros...³ À influência do homem Ribeiro Couto, muito saudável, e do poeta Ribeiro Couto com os seus amados simbolistas de segunda ordem – Samain, Jammes, etc. – veio juntar-se a de Mário de Andrade...⁴

A amizade entre os dois poetas começou em 1919 quando Ribeiro Couto lera o poema "Cartas de meu avô" e fora, por causa da admiração suscitada, apresentado a Manuel Bandeira por Afonso Lopes de Almeida⁵. Vinte e um anos depois, ele recepcionaria Bandeira na Academia Brasileira de Letras.

Os dois poetas dedicaram poemas um ao outro: No seu *Poemetos de Ternura e de Melancolia*, Ribeiro Couto apresenta "A canção de Manuel Bandeira"⁶; em *Estrela da Tarde*, Manuel Bandeira publica uma "Elegia para Ribeiro Couto"⁷. Mantiveram-se próximos até a morte de Couto, em 1966.

² Id., *ibid.*, p. 60.

³ Id., *ibid.*, p. 61.

⁴ Id., *ibid.*, p. 62.

Em uma carta a Mário de Andrade, do 23 de maio de 1924, Bandeira dá o mesmo testemunho:

O Couto vivia falando no Oswald, em Anita, em Brecheret. Companheiro dele era o Di. Mas este não tinha a irradiação generosa do Couto. Eu era modernizante sem saber. Foi o Couto que me revelou os italianos e os franceses mais novos, Cendrars e outros.

In: *Correspondência*. Mário de Andrade & Manuel Bandeira. Marco Antônio de Moraes, org. São Paulo: Edusp/IEB, 2000, p. 124.

⁵ Cf. BEZERRA, Elvia. *A Trinca do Curvelo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p. 22.

⁶ RIBEIRO COUTO, Rui. *Melhores Poemas*. Seleção e Apresentação de José Almino. São Paulo: Global, p. 29. No prelo.

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Tarde*. In: BANDEIRA, op.cit., p. 328.

Durante esses quase cinquenta anos, os dois amigos estiveram em cidades diferentes. Manuel Bandeira nunca se afastou do Rio de Janeiro. Ribeiro Couto, depois de alguns anos em que exerceu os cargos de delegado de polícia e promotor público em várias cidades serranas de Minas e São Paulo, ingressou na carreira diplomática, em 1931. Em 1947, foi designado Ministro Plenipotenciário na Iugoslávia. Elevado à categoria de embaixador em 1952, residiu em Belgrado até 1963, quando se aposentou aos 65 anos. Três anos mais tarde, faleceu em Paris.

A distância motivou uma vasta correspondência entre os poetas: são ao todo 490 cartas, que se encontram aqui, no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Aparentemente, a correspondência recebida por Ribeiro Couto foi melhor preservada por ele próprio, pelos herdeiros ou pelas circunstâncias: do total dessas cartas, 426 são de Bandeira endereçadas a Couto; as 64 restantes, são cartas de Couto a Bandeira.

No período que vou tratar, desde a primeira carta existente que data de 1919, até o fim de 1928, quando Ribeiro Couto segue para Marselha onde vem a ser nomeado vice-cônsul do Brasil, foram localizadas 160 cartas entre os dois escritores, assim distribuídas anualmente:

Correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto: 1919-1928

	1919-1925	1926	1927	1928	Total
Manuel Bandeira	31	47	48	20	146
Ribeiro Couto	9	2	4	3	18
Total	40	49	52	23	164

Um simples exame da tabela acima nos indica que a correspondência enviada por Ribeiro Couto deve estar enormemente desfalcada. Em 1926, por exemplo, estão registradas somente duas cartas no acervo de Bandeira. Ao mesmo tempo, encontramos 47 cartas deste último dirigidas ao amigo poeta; ou seja, uma média de mais de uma carta por semana. Essa intensidade de contatos no período considerado é confirmada pelo próprio Ribeiro Couto em um depoimento de homenagem a Bandeira por ocasião do seu aniversário de cinquenta anos:

Fui o primeiro leitor de quase todos os poemas escritos depois do Carnaval (1919). Antes quando residíamos na mesma cidade, depois à distância (que a correspondência constante e as alegres visitas anulavam), durante dez anos, pelo menos, não se passou semana sem que trocássemos essas impressões risonhas ou tristes, sempre leais e completas que o coração se purifica.⁸

Durante esses dez anos, a primeira década do modernismo brasileiro, inicia-se e consolida-se a carreira literária de Ribeiro Couto e foram escritos ou publicados os dois volumes mais expressivos da poesia de Manuel Bandeira: *Poesias (A Cinza das Horas, Carnaval e Ritmo Dissoluto)*, em 1924, editado pela *Revista de Língua Portuguesa*, dirigida por Laudelino Freire e *Libertinagem*, com poemas de 1924 a 1930, publicado em 1930, em uma edição custeada pelo poeta⁹.

No Brasil, com o modernismo, Júlio Castañon¹⁰ nos assinala,

a correspondência literária sofre algumas modificações significativas. Ao lado das transformações buscadas e conquistadas pelo movimento, desenvolve-se intensa reflexão e discussão. Um dos espaços para essa reflexão e discussão vem a ser sem dúvida a

⁸ RIBEIRO COUTO, Rui. "De menino doente a rei de Pasárgada". In: *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, s.ed., 1936, p. 190.

⁹ Cf. *Itinerário de Pasárgada*, op. cit., p. 106.

¹⁰ CASTAÑON GUIMARÃES, Júlio. *Correspondência no Modernismo Brasileiro*. Texto a ser publicado em *History of latin american literatures*. Mario Valdés e Djelal Kadir, org. Toronto, Oxford University Press.

correspondência entre escritores que se encontravam em diferentes cidades, como Mário de Andrade em São Paulo, Manuel Bandeira no Rio de Janeiro ou Carlos Drummond de Andrade em Belo Horizonte.

Nesse período, anterior à telefonia interurbana, quando a vida literária, antes concentrada quase que exclusivamente na Corte, começava a tomar formas significativas em outros centros urbanos, os modernos vão construir uma vasta teia de correspondência. Através dela circulam os manuscritos e suas respectivas correções, opiniões estéticas, sugestões bibliográficas, colaborações para revistas, conspirações para a publicidade de livros e personagens, intrigas, suspiros e queixas.

Nesse mar de cartas destaca-se a presença de Mário de Andrade que vai fazer da correspondência um instrumento ativo e consciente da militância literária, exercendo um papel múltiplo de agitador, doutrinador, incentivador e pedagogo. Nas suas cartas, nos diz Walnice Galvão¹¹, Mário de Andrade *aconselha, admoesta, comenta, discorda, prega teoriza doutrina, corrige poemas e outros escritos*. Em carta (naturalmente) dirigida a Sousa da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, Mário dizia que não há um só gesto significativo em mim que *não seja uma atitude destinada, um ato consciente de vontade*¹². Era como um traço da sua personalidade, uma marca da sua pessoa, que assim fosse.

Tudo muito diferente da inclinação natural de Bandeira, geralmente avesso a programas e a doutrinas e do tom que é adotado na sua correspondência com Ribeiro Couto.

É sabido, por exemplo, que Manuel Bandeira manteve certa distância do movimento modernista, entretendo com os seus participantes uma relação fraternal e solidária, mas guardando sempre uma discreta reserva, posição à qual ele associa Ribeiro Couto:

¹¹ NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. *Desconversa*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 155.

¹² Citada por CASTAÑON GUIMARÃES, Júlio, op.cit., p. 21.

Também não quisemos, Ribeiro Couto e eu, ir a São Paulo por ocasião da Semana de Arte Moderna. Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificados e rimados. Pouco me deve o movimento; o que eu devo a ele é enorme.¹³

Para o poeta, todo arrebatamento coletivo, seja ele de natureza doutrinária, lúdica ou histórica – o carnaval, a briga de bar, o modernismo, o ritmo arrebanhador do progresso¹⁴, merece a simpatia amorosa e mesmo a condescendência lírica, mas nunca

¹³ Cf. *Itinerário de Pasárgada*, op.cit., p. 65.

¹⁴ Veja-se, por exemplo nesta carta a Ribeiro Couto (Rio, 2 de janeiro de 1928) a ternura manifesta diante de um incidente de réveillon em um bar carioca:

...há um pega de bofetões entre Dodô e um moreninho valente chamado Ubirajara, camarada de Dodô: Madeira dois FF derramado, o tempo fechou, todo o mundo querendo brigar, uns bêbados em êxtase entrando no meio dos pescoções com a taça na mão propondo a saúde do ano novo, guarda-civil em penca separando gente, o gerente do bar ativíssimo resolvendo amigavelmente as coisas, e eu atento a tudo, calmo, encantado com a mocidade daqueles sujeitos que sentiam uma necessidade absoluta de brigar e de apanhar pra fazer alguma coisa mais que beber apenas.

Na correspondência com Ribeiro Couto, o progresso econômico, mesmo quando recebe um tratamento celebratório passa quase sempre pelo crivo irônico do poeta, como nessas duas cartas de 1926:

Ontem lhe remeti o *Times*, número dedicado ao Brasil. Um colosso. Li-o de cabo a rabo sem perder uma palavra. Que bela visão panorâmica da vida brasileira! Que estupenda fotografia de São Paulo. Aquele arranha-céu junto do Automóvel Club deu um caráter magnífico à paisagem urbana...

Seu Ribeiro Couto, seu Ribeiro Couto você ainda não escreveu o poema [dos? sobre?] os 4.000 metros do cais de Santos! Então o porto do café é um quilômetro mais longo que a praia de Copacabana...? (Rio, 24 de junho de 1926)...

Dodô voltou de São Paulo onde passou 28 dias. Ficou entusiasmado com São Paulo. Diz que São Paulo dá vontade da gente trabalhar pra enriquecer! (Rio, 12 de agosto de 1926).

Numa outra carta, do mesmo ano (28 de outubro) o tom é definitivamente cético:

Em vez de ter satirizado apenas S. Paulo político, eu podia ter visado o S. Paulo econômico, pois estou convencido que não há superioridade paulista. O formidável adiantamento de S. Paulo é da mesma

a adesão íntima, esta última reservada à emoção particular, fincada muitas vezes na memória da infância e que ele vai identificar com outra – a de *natureza artística*:

Desde esse momento [em que reuni a emoção particular e artística], posso dizer que havia descoberto o segredo da poesia, o segredo do meu itinerário em poesia. Verifiquei ainda que o conteúdo emocional daquelas reminiscências da primeira meninice era o mesmo de certos raros momentos em minha vida de adulto: num e noutro caso alguma coisa que resiste à análise da inteligência e da memória consciente, e que me enche de sobressalto ou me força a uma apaixonada escuta¹⁵.

Para Bandeira, Vera Lins observa, "o modernismo significou uma aprendizagem"; assim como para Ribeiro Couto que "continuou ligado ao simbolismo do final do século pela melancolia e por uma certa visão trágica". Esta última estaria mais afinada com um tempo de ceticismo e perplexidade, como o nosso, em que as vanguardas estariam envelhecidas ou pouco convincentes:

a alegria anárquica das vanguardas modernistas e sua revisão nos anos 60-70 apostava com otimismo no progresso do país que buscaram conhecer. Mas, hoje, nos parecem um tanto ufanistas e dogmáticas¹⁶.

Em várias partes da correspondência entre Bandeira e Couto, paira a sombra da correspondência entre Mário de Andrade e Bandeira, o reflexo das diferenças e das aproximações entre os dois amigos, do embate entre as intolerâncias, as inseguranças de Mário e o temperamento mais conciliador e sereno de Bandeira. Às vezes, uma observação, uma provocação formulada por Mário, dirigida a Bandeira, era respondida

natureza que a hegemonia fluminense, fruto da civilização cafeeira. Não falei nisso para não magoar os meus amigos paulistas.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 33.

¹⁶ LINS, Vera. *Ribeiro Couto. Uma Questão de Olhar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997, p. 5. (Papéis Avulsos, 30)

por esse último, indiretamente, em carta a Ribeiro Couto, sem mais nem menos, como se o espaço epistolográfico entre os três escritores fosse o mesmo, como se eles estivessem mantendo a mesma discussão simultaneamente.

É bem verdade que Mário implicava com Ribeiro Couto a quem achava por vezes leviano, superficial e "irritante":

Não tem sujeito que consegue me irritar mais Couto desespera... É o pior crítico do mundo quando critica alguém na verdade se observa a si mesmo. Diz que gosta de Paulicéia mas o gosto que tem por Paulicéia me irrita. Não compreendeu absolutamente o meu livro. O que o comove lá dentro são uns detalhes ocasionais, umas notinhas rápidas, umas pequinices de cor local de observação de psicologia pequenininha, rolas da Normal, garoa, ora sebo! Nunca neguei o valor dessas coisas de vida cotidiana você sabe bem disso, uma menina da Escola Normal é uma coisa tão enorme! Tão enorme, não, é uma coisa tão comovente, nem isso, é uma coisa que também pode ser objeto de lirismo e estupendo mas fazer disso a única possibilidade de lirismo me parece duma curteza de sensibilidade enorme. O Couto é assim. É a sensibilidade mais curta que eu conheço... É um pândego delicioso, a delícia da pimenta que arde, é ruim mas a gente continua comendo pimenta. Isso: o Ribeiro Couto me parece mais especiaria do que um alimento, que você me diz dessa observação?¹⁷

Poesia é a meu ver uma organização consciente de lirismo subconsciente, é o que diz Mário de Andrade na sua Carta aberta para João Alphonsus¹⁸. A irritação¹⁹ para com

¹⁷ Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 31 de maio de 1925. In: *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op.cit., p. 212. Ou ainda, nessa carta de 3 de maio de 1926:

Hoje na Sinfônica encontrei o Ribeiro Couto... coisa de uns cinco minutos juntos. Pois ele achou tempo dentro disso para me dar um momento de fel...Entre as ironias as leviandades e as amáveis perfídias do Couto eu afinal sai da frisa apenas com uma inquietação dolorosa. O ressaibo perseverou até agora, é natural. Por isso escrevo. *id.*, *ibid.*, p. 290.

¹⁸ Na edição de 17.11.26 do *Diário de Minas*. In: *A Lição do Amigo. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982, p. 298.

Ribeiro Couto é a expressão do seu horror ao lirismo sentimental fazendo um uso piegas, acrítico, talvez mesmo demagógico, do que havia de pitoresco no dia a dia brasileiro, ignorando a "organização consciente" da matéria poética, que somente ela poderia emprestar sentido e consistência artística a essa matéria.

Em carta a Ribeiro Couto²⁰, Bandeira reage a esses ímpetos doutrinários de Mário com bonomia e uma certa dose de provocação:

Não concordo com o Mário no preconceito de novidade: posso encontrar poesia em lugar-comum sentimental. Dai gostar de coisas suas que ele acha sem importância. Posso eu achar também sem importância e no entanto gostar. Você é justamente um desses poetas que chateiam os outros com coisas sem importância. Creio que você entende bem o sentido em que emprego a expressão "coisa sem importância". Digo isso porque o Mário faz diferença entre coisa sem importância com interesse artístico e coisa sem importância mesmo. Pois pode me suceder que eu goste e me comova com a "coisa sem importância mesmo".

¹⁹ Veja-se o mesmo ímpeto nessa carta de Mário a Bandeira do 22 de julho de 1926 em que Mário de Andrade amalgama Jaime Ovalle e Ribeiro Couto:

Saído duma fase simbolista que produziu nele uma impressão indelével ele [Ovalle] caiu num hacaismo do banal sutil e foi exagerando esse hacaismo essa banalidade e essa sutileza a tal ponto que está nesse destre de fazer poeminhas pequenininhos onde tudo o que não é banal fica por dentro e só o banal é que está dito. Isso é um perigo Manu, um perigo em que Ribeiro Couto muitas vezes caiu. Perigo porque afinal de contas o que fica escrito o que fica objetivado mesmo é só banal e não tem valor nenhum. Carece a gente raciocinar com coragem e decidir que diante da frase mais banal do homem mais banal com um pouco de imaginação a gente cria o mais perfeito dos poemas. Porém esse poema é interior e na frase mesmo ele não está. Ora embora a poesia tenha o seu valor subjetivo como sugestão a virtude está na poesia e não nos poetas que a lêem. Id., *ibid.*, p. 299.

²⁰ 29 de agosto de 1926.

Mais adiante, em outra correspondência²¹, Bandeira revela, em tom desabusado, o seu desinteresse pela especulação estética; e, ao mesmo tempo que tenta desencorajar o amigo nas suas aventuras teorizantes, manifesta o seu acordo com Mário no que diz respeito à função da composição na elaboração da poesia:

Ribeirinho.

Pelo que vejo (carta de 20) você agora é do golpe da estética. Eu acho a estética uma coisa arriscadíssima porque os dados são falhos, a matéria imponderável... Naturalmente tudo o que se constrói sobre essa base é *molto leggero, troppo leggero*...

[...] para você arte é criação emotiva. Estou de acordo. Imediatamente a seguir vem: "Que é que eu procuro, lendo? Gozo da inteligência". Ora, quando eu leio um capítulo de física, procuro também gozo da inteligência e o consigo. Física não é arte. Logo, por você encontrar gozo da inteligência numa carta não pode dizer que carta é arte. Poderá sê-lo quando houver "criação emotiva". Um capítulo de física pode gerar emoção mas esta será de caráter científico. Há uma emoção específica própria da arte e ela deriva da criação ou recriação de vida.

As cartas que você tanto aprecia e chama substanciosas são aquelas em que não há composição, em que a inteligência crítica intervém pouco. Em literatura quer-se mais composição, mais crítica. Você aprecia muito as minhas cartas, mas toda vez que eu apliquei o processo epistolar a poemas ou artigos desagradei a você. [...]. No fundo (você inconscientemente) você está com o Mário e eu acho que com razão: um poema é composição; quando não há composição, o que existe é um fragmento lírico. Naturalmente há mais frescura no puro lirismo. Porém maior "gozo da inteligência" na composição. Basta de estéticas.

Na verdade, o interesse maior de Bandeira está nos procedimentos de elaboração da linguagem poética, nas eliminações sistemáticas dos excessos, nas aproximações sucessivas à forma final do poema. Daí ele nos dizer, em seu *Itinerário de Pasárgada*, que o exame das variantes foi um dos caminhos que lhe abriram a consciência para a

²¹ 22 de outubro de 1926.

poesia enquanto forma de linguagem²². Em seu estudo sobre o *O Cacto*, Davi Arrigucci assinala

a constante tendência do poeta à extrema simplificação que parece ter presidido à organização formal da linguagem, submetida à mais completa poda, num claro esforço de redução do discurso lírico às palavras essenciais ao assunto. Tendência que se delinea bem cedo na obra de Bandeira, como observou João Ribeiro a propósito de *A Cinza das Horas*, mas que só se configura plenamente, nos termos de um despojamento que lembra uma verdadeira arte povera, em meados da década de 20.²³

Notamos assim a predominância do poema breve, aparentemente singelo, de caráter muitas vezes prosaico, cuja força sintética tem o poder de singularizar a inspiração poética. No lugar da *expressão imediata da subjetividade, própria da lírica*²⁴, têm-se o registro epigramático da realidade objetiva, a descrição de um objeto, de uma cena, em linhas despojadas, visando dar substrato à um sentimento, uma idéia. Na economia do poema busca-se a imagem direta, livre, por exemplo, de toda adjetivação que poderia macular, poluir, a força reveladora do concreto. Nessa perspectiva, o poeta, passa a ser um caçador de adjetivos e admoesta o amigo:

Li para o Rodrigo (no fim entrou na sala o Sérgio) o seu *Noroeste*. Lendo-o em voz alta, achei-lhe um defeito de conjunto: achei-o palavroso, adjetival, puxa! Quanto adjetivo dispensável prejudicando a força da concepção e das idéias; e vários lugares comuns nascidos da bica do entusiasmo²⁵. Se eu tivesse com você [...] teria entrado com meu jogo, que como você sabe, consiste no corte.

²² Cf. ARRIGUCCI JR., Davi. *O Cacto e as Ruínas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 39.

²³ Id., *ibid.*, p. 29.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 37.

²⁵ O poema começa com um clichê: *Sob o pálido azul do céu ainda estrelado/Um vago tom de rosa de gosto dúbio e contém inúmeras expressões adjetivadas: A intuição deleitosa da epopéia rural... A interativa composição de um poema espontâneo e o medonho cafezais redentores.*

Fiquei tão impressionado que em casa reli-o com os olhos para ver que impressão recebia. Tive boa impressão. O poema conta bem a avançada sobre o Noroeste, o orgulho expansionista, paulista, etc. Só lendo alto é que tanto adjetivo dá na vista. Lendo-o para o Rodrigo e vendo que quase todo substantivo tinha um adjetivo junto, fui ficando vexado; com vontade de pular o adjetivo.

E, sugerindo uma imagem concreta, a seu feitio:

Pena que você não falasse do massapê que caracteriza o Noroeste. Em vez de dizer com essa terra amarela coberta de lavouras podia por com esse massapê amarelo²⁶.

Um outro episódio, em que Bandeira ignora uma sugestão de Ribeiro Couto, ilustra, pelo menos aos nossos olhos de leitores no futuro, a habilidade criteriosa do poeta ao selecionar os elementos que compõem um poema. Em 21 de setembro de 1925, Ribeiro Couto escreve de Pouso Alto os seguintes comentários:

O "Anjo da Guarda" tem um verso que quebra o poema: "Devia ter sido assim". Aquele verso – releia, serenamente [...] Nem compreendo como lhe acudiu! Não ajunta nada de notável ao sentido; e cai. O poema cai ali.

Tratava-se, no caso, de *O Anjo da Guarda*, escrito em memória à Maria Cândida de Souza Bandeira, irmã de Manuel Bandeira²⁷:

O Anjo da Guarda
Quando minha irmã morreu,
Devia ter sido assim)
Um anjo moreno, violento e bom,
– brasileiro

Veio ficar ao pé de mim.

²⁶ Carta de 27 de outubro de 1927.

²⁷ Falecida em 1918.

O meu anjo da guarda sorriu
E voltou para junto do Senhor.

A observação é irritada, impaciente. A recomendação é enfática. E, no entanto, a *quebra* introduzida pelo verso – uma sentença (reforçada pela presença de um parêntese) no pretérito imperfeito, em meio a uma narrativa toda ela no pretérito perfeito, vem a trazer um elemento de complexidade ao poema. Sem aquele verso, ele seria uma manifestação da resignação triste, tingida pelo humor melancólico de um irmão diante da morte da irmã. E não seria mau. Com ele, que traz uma conotação inconclusiva, uma nota de meditação e de irresignação, fica incluído, sem prejuízo dos outros significados, a idéia da perplexidade e de insubmissão do poeta face à morte.

O amor do detalhe, o olho para a pequenez que transforma o sentido e empresta gozo e importância à "coisa sem importância mesmo" é a marca da poesia de Bandeira. Encanta-lhe surpreender e ser surpreendido nesses achados. Por exemplo, ao saber por Mário de Andrade que um maneirismo que lhe havia passado despercebido tem um valor particularmente expressivo:

Comoveu-me a observação dos diminutivos. Depois que adoeci tudo que era meu ou para mim levava diminutivo da minha mãe: o leitinho de Nenê (era assim que me chamava), o copinho de Nenê, etc. Como vê, está no sangue. Concordo [...] com você, que a minha imaginação é fraca e convencional em concepção. Valho mais pela expressão²⁸.

Bandeira refere-se aqui à uma observação de Mário de Andrade em um artigo que acabava de ser publicado na seção crônicas da *Revista do Brasil* (nº. 107)²⁹:

E aparece um defeito saboroso do *Ritmo Dissoluto*: a mania de diminuir tudo, carinhoso, por sossegado amor. Com certeza ele não reparou que exprime por diminutivos tudo que ama.

²⁸ Carta de 27 de dezembro de 1924. In: *Correspondência*. Mário de Andrade & Manuel Bandeira, op.cit., p. 166.

²⁹ Com o título de "Manuel Bandeira". In: *Correspondência*. Mário de Andrade & Manuel Bandeira, op.cit., p. 167.

Aparentemente o poeta apreciou tanto o reparo do amigo que passa a distribuir diminutivos na sua correspondência, em tom de blague naturalmente, escrevendo frases inteiras em que utilizava uma corruptela do sufixo *inho, im*, formador de diminutivos, muito utilizada em certas regiões do Nordeste. Durante o ano de 1926, o procedimento repete-se em várias cartas a Ribeiro Couto. Por exemplo:

Em uma carta do 24, ou do 25, de fevereiro: "Recebi cartim mas vou abandonar liguazim pra falar seriozim;"

Em uma outra, do 8 de junho:

O medin de Manuelzin morrerzin perturbou Ruizin, nao ezin?... Dodo tambem tem medim que Manuezim morrazin. Ruizin e Dodozin gosta mesmozin de Manuelzin. E [Manuelzin] gostazin ser gostadin assinzin. Vão jornais;

E nessa última, sem data:

Coutin,

Ai vão as provins. Aconselhin no fim do poemin (do meu poemin) "Diálogo sobre a felicidade"

Eu também quero ser feliz, estrangeiro:

Quando eu recito assinzin daquela maneira maravilhosa.

Corrige e manda o mais depressa possível. Já comprei os sapatins de Meninin vou agora comprá as meins. Sapatinhos é Elegantim, mesmo.

Manuelzin.

Com o modernismo, observa Castañon, a carta perde a formalidade que se encontra até essa época; torna-se efetivamente troca de idéias, informações, como substituto efetivo da conversa... para além de questões literárias, [ela] será também espaço de manifestações pessoais, de informações privadas de pessoas envolvidas na vida literária"³⁰. As cartas tornam-se uma festa para os olhos do *voyeur* literário (entre os

³⁰ Id., *ibid.*, p. 16.

quais me incluo) mas elas vêm a ser também um repositório de detalhes úteis à compreensão da vida intelectual da época e das condições efetivas em que se exercia o ofício de escritor.

Bandeira e Ribeiro Couto são egressos de meios sociais bastantes diferentes. Manuel Carneiro de Souza Bandeira é filho de uma família tradicional, originária de Pernambuco. Cresceu em ambiente intelectualizado, cursou o Ginásio Nacional, hoje Pedro II, aprendeu línguas cedo, foi se curar da tuberculose na Suíça. Aos 40 anos, em 1926, não tinha emprego fixo, vivia de um montepio da irmã falecida e de traduções e contribuições periódicas para a imprensa. Morava em casa alugada, onde sublocava um quarto³¹. Procurava manter uma dignidade de pobre, fugindo de favores ou comprometimentos maiores com os poderosos e evitando (o que na época parecia o inevitável) o emprego público. Nas suas cartas a Ribeiro Couto, são inúmeros os relatos dessas dificuldades:

Já aluguei a sala, ufa: A um italiano *molto coltto* – separato dalla moglie representante della Compagnia Monotypo do Brasil chi chiama Perracini. Entre 50 e 60 anos, simpático, sai de manhã volta de noite. Bateu o duzentão adiantado em momento inapelável pois até da verba do ferro elétrico só restava os 2\$500 para o último almoço.³²

Pouco tempo depois, tendo o italiano *molto coltto* abandonado o quarto, um casal amigo passa a lhe mandar o almoço diário:

Não se preocupe comigo. Uma vez que eu tenho o almoço garantido, está tudo muito bem. E até pra saúde é melhor, pois a descida à cidade para o almoço sempre me foi prejudicial. A força maior me fez aceitar dos Blank um oferecimento que eu antes recusava

³¹ Uma parte da correspondência é dedicada às suas dificuldades com os inquilinos.

³² 4 de maio de 1926.

pra não dar amolação aos outros. A crise, de resto, continua. Não aparece ninguém para ver o quarto.³³

Rui Ribeiro Couto era doze anos mais moço do que o amigo. Nasceu em Santos, São Paulo, em 12 de março de 1898, filho de um comerciante, José de Almeida Couto e de Nísia da Conceição Esteves Ribeiro, portuguesa, negra, da ilha da Madeira. Fez os estudos em meio a seu trabalho de jornalista. Como Bandeira, também é acometido por tuberculose e, já formado, aceita o emprego público em região do interior que seria propícia à sua recuperação. Em fins dos anos de 1926, tentava aprender inglês e francês. Neste último idioma, procurava escrever poemas, ainda bastante precários, a julgar pelas correções do mestre:

O seu poemeto é bom mas o francês está bem erradinho. Foi o diabo você ter mandado ao Prudente, pois tem dois erros safados:

tu est em vez de *tu es*, e *si la maison restais* vide em vez de *si la maison restait*. Também está errado *attends que ie finis*; deve ser *attends que je finisse*.³⁴

³³ 11 de agosto de 1926.

³⁴ 25 de outubro de 1926. Há um outro exemplo, bem anterior (6 de julho de 1921), referente ao aprendizado do inglês:

Da sua tradução de Emerson:

Their daily life gives it the lie

A sua vida quotidiana apresenta-lhes a mentira
--

Não me parece estar certo. *To give the lie* é desmentir. "A vida quotidiana deles dá-lhe (a ela, a teologia) o desmentido".

...and to establishing the standard of good and ill...
--

...fincando a bandeira do bem e do mal...

Aqui *standard* é padrão: ..."estabelecendo o padrão do bem e do mal..."

Durante a sua estadia no interior, Ribeiro Couto acumula³⁵ as suas atividades como delegado de polícia ou promotor público com a prática de advogado da roça, da qual dá notícias periódicas a Manuel Bandeira:

Ontem, domingo gramei 4 léguas a cavalo, fui à 9 e voltei 3 da tarde, 2 de ida e 2 de volta, sendo que esta depois do almoço e de andar a pé subindo morros, para acertar uma divisa de caboclos teimosos. Ganhei 150\$. Foi um serviço duro, porém era preciso ganhar. Deram-me também uma leitoa, fora o trato.³⁶

.....

Vou deixar a promotoria no dia 3, para pegar uma causa criminal em Silvestre Ferraz. Causa pequena, 2:500\$000, mas que oferece a oportunidade ambicionada. Dá coragem. Tenho outros serviços encaminhados (lá mesmo e aqui), de modo que aproveito a hora para deixar de aturar um juiz municipal analfabeto, um escrivão criminal perobíssimo e um rábula (o Anto^o dos Reis) infamérrimo.³⁷

Nesses relatos da vida miúda dos dois amigos, dos seus empregos, das suas dificuldades, não há como evitar de perceber o trabalho de dois escritores que se mostram um para o outro, numa escritura entre entendidos, cada um sublinhando a seu modo, o estilo familiaresco, desabusado, introduzindo a nota irônica, o traço rápido na descrição das cenas. De tal maneira, que às vezes, o enunciar do poema chega como uma continuação natural da carta³⁸:

Tenho passado um mês divertido com o Gilberto: é um companheiro excelente porque é meio fraquinho como eu, discretíssimo, e dá uma perna ao diabo pra debochar os outros. Nós levamos uma vida surrealística de mistificações.

³⁵ Quando não está em licença médica. Dos quase quatro anos passados no interior, Ribeiro Couto teve 16 meses de licença de saúde.

³⁶ Pouso Alto, 26 de setembro de 1927.

³⁷ Pouso Alto, 22 de maio de 1928.

³⁸ 10 de janeiro de 1928.

Esta manhã ele me contou um episódio onde eu descobri incontinenti o *self-made poem*.

Lá vai

Apresentação

Na sala da redação do grande matutino

O redator-secretário fez a apresentação:

"Fulano, uma glória nacional:

"Sicrano, esperança do norte."

A esperança do norte não disse nada.

A glória nacional também.³⁹

Tudo em volta – o modernismo, incentivava o registro do imediato, a empatia pelo cotidiano, uma narrativa às vezes propositadamente naive e enfaticamente parodística que os dois amigos se enviavam uma ao outro, como pequenos petardos literários. Tal como nessa carta de Bandeira, do 17 de dezembro 1926:

COUTO CUIDADO COM OS MITÔMANOS! Nós estamos cercados de mitomanos!!

Pelo menos assim diz Galeão Coutinho.

Há mitômanos no jornalismo, na política, na literatura.

ELES PENETRAM ATE EM NOSSAS CASAS!!! É horrível.

³⁹ Uma curiosidade: note-se a semelhança de *Apresentação, com Política Literária*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em *Alguma Poesia - Poemas* (Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930):

O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.

Política Literária é oferecido a Manuel Bandeira.

Antero [de Quental] é mitômano
Zeca Patrocínio é mitômano.
Mot de la fin: A novela do Galeão não se chama mais
A Dançarina dos mil semblantes.
Vai sair com o título: Envenenados de Amor!
[Do seu] Manuel.

É o que vemos também na primeira carta enviada da Europa por Ribeiro Couto⁴⁰ ao amigo e que finaliza a parte da correspondência tratada aqui. Dela, eu desentranhei à maneira de Manuel Bandeira, esse poeminha:

Ribeiro Couto tem sempre na alma o Brasil ou Pouso Alto.
Manuelzinho, não pretendo sair da Europa
antes de falar correntemente quatro idiomas
e de ter visto os principais países civilizados.

⁴⁰ 26 de dezembro de 1928.